

HABILIDADES METAFONOLÓGICAS: algumas reflexões sobre o trabalho docente

*Neusa Lopes Bispo Diniz¹
Lílian Miranda Bastos Pacheco²*

RESUMO

O presente artigo retoma o conceito de consciência fonológica/habilidades metafonológicas e a relevância de suas contribuições para a aprendizagem da linguagem escrita. Oferece aos educadores da Escola Básica algumas reflexões e recomendações para o trabalho docente, no âmbito da prevenção/recuperação do enfrentamento de dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita. Dificuldades identificadas em sala de aula relativas às habilidades linguísticas são compreendidas na perspectiva do letramento. A gestão escolar é convocada à assunção de compromisso político educacional democrático e participativo, no sentido de conformar espaços de diálogos e de formação em serviço, no interior da escola, sobre a temática alfabetização/letramento e habilidades metafonológicas.

Palavras-chave: Consciência Fonológica. Linguagem Escrita. Gestão Escolar. Trabalho Docente.

METAPHONOLOGICAL SKILLS: some reflections on teaching practice

ABSTRACT

This article takes up the concept of phonological awareness / metaphonological skills and the relevance of their contributions to the learning

1. Especialista de Educação (Orientadora Pedagógica) na Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Campinas; Mestre e Doutora em Educação pela FE/UNICAMP; Doutora em Psicologia pelo IP/USP/SP. E-mail: neusalopesdiniz@hotmail.com
2. Professora da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana); Mestre e Doutora em Educação pela FE/UNICAMP na área de Desenvolvimento Humano e Educação. E-mail: dlp.ba@terra.com.br

of written language. It offers Basic School educators some reflections and recommendations for teachers' work, in terms of coping with difficulties in reading and writing. Language skills difficulties, encountered in the classroom, are understood in the perspective of literacy. Principals are called to a political, educational, democratic and participatory commitment to create spaces for dialogue and in-service training within the school, on literacy and metaphonological skills.

Keywords: Phonological awareness. Written language. School Management. Teaching practice.

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em revisão bibliográfica sobre as habilidades metafonológicas e o processo de ensino/aprendizagem da língua escrita. Pretende-se enfocar, de acordo com a literatura especializada, indicadores sobre o desempenho dos alunos na escrita durante o Ensino Fundamental e as relações entre o trabalho pedagógico explícito com habilidades metafonológicas e o processo de aquisição da escrita. Destacam-se os efeitos destas reflexões para a formação do professor e a importância da gestão escolar estar implicada no processo de aquisição das linguagens.

O PROBLEMA DA ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS NO BRASIL

No Brasil, muitas pesquisas têm fornecido evidências de que um número importante de crianças finaliza os anos iniciais do Ensino Fundamental sem competências básicas em linguagem escrita (BIMONTI, 2008; BISPO, 2000; BRASIL, 2007; DINIZ, 2008; CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2004; FRANCO, 2004; MAINARDES, 1998).

Os resultados informados pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) - O SAEB avalia alunos em Português e Matemática, na 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e na 3ª série do Ensino Médio - no ano de 1999 já apontavam que os sérios problemas de alfabetização em relação à utilização da língua para ler e escrever se refletiam no desempenho em torno de 60% dos alunos (BRASIL, 2007).

Por outro lado, os resultados obtidos por alunos de 4ª série do Ensino Fundamental na escala de desempenho em leitura, também proposta pelo SAEB, foram analisados como indicando proficiência próxima à adequada em 2003 e demonstraram que os alunos poderiam prosseguir em seus estudos com aproveitamento.

Ainda assim, as mesmas análises realizadas pelo SAEB, no ano de 2003, constataram que os resultados obtidos em leitura naquele ano apresentaram apenas uma pequena inversão em relação à tendência de quedas consecutivas em desempenho nessa habilidade, comparando-se aos resultados obtidos em 1999 e 2001 (BRASIL, 2007).

Os dados do PISA (Avaliação Internacional de Competência de Leitura, promovida pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), em 2000 e 2002, corroboraram a existência dos sérios problemas de alfabetização em nível nacional, quando relataram que, dentre 32 países, o Brasil ficou em último lugar na avaliação internacional de competência em leitura. Alunos de 7ª e 8ª séries foram avaliados e seus desempenhos indicaram pouca ou nenhuma retenção. Em um levantamento realizado em 2003, estendido para 41 países, sendo 14 deles considerados em desenvolvimento, o Brasil ocupou a 40ª posição em Ciências e a 37ª posição em leitura (BRASIL, 2007).

Segundo Capovilla & Capovilla (2004), o enfrentamento de dificuldades na aprendizagem da linguagem escrita, o atual fracasso escolar, inicia-se no primeiro ano do Ensino Fundamental e tem sido impeditivo do prosseguimento bem sucedido de estudantes em seu processo de escolarização, antes mesmo de alcançarem o segundo ano deste processo. Assim, faz-se transparecer que, se até a década de 1990, muitos dos estudos relacionados à discussão e a investigação da qualidade da educação na escola, sobretudo no âmbito público, falavam mais enfaticamente sobre *repetência* como resultado de um processo de alfabetização infantil deficiente, na década atual fala-se mais enfaticamente sobre desempenho/qualidade no/do processo de alfabetização, mesmo quando os estudantes participam de um processo de progressão contínua no Ensino Fundamental.

De acordo com “As orientações para a organização do Ciclo Inicial de Alfabetização - Caderno 1 – (2003/2004), produzidas pela FE/UFMG, para preparar professores a fim de atuarem no Ensino Fundamental de alfabetização, a conclusão é uma só e assustadora: um número expressivo de estudantes não aprende a ler na escola brasileira; essa

escola produz um grande contingente de analfabetos ou de analfabetos *funcionais* – quer dizer, pessoas que, embora dominem as habilidades básicas do ler e do escrever, não são capazes de utilizar a escrita, a leitura e a produção de textos na vida cotidiana ou na escola. Isto implica em reconhecer que, apesar de certo avanço da universalização do Ensino fundamental, a qualidade da escolarização das nossas crianças e adolescentes, continua deficiente.

Deve-se reconhecer também que a apropriação da linguagem escrita e a incorporação das práticas sociais que a demandam vai além do direito básico à educação, requer a inserção do indivíduo em um mundo cada vez mais letrado, reconhecimento que implica na pesquisa e no desenvolvimento de práticas que facilitem a aprendizagem e, conseqüentemente, minimizem dificuldades de aprendizagem.

O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E O INTERESSE DE PROFISSIONAIS DE DIFERENTES FORMAÇÕES PELAS CONTRIBUIÇÕES DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

Nas duas últimas décadas, sobretudo, tem sido intensificado o interesse de pesquisadores e profissionais de diferentes formações (pedagogos, fonoaudiólogos, psicólogos, professores e profissionais de áreas a fins), envolvidos e/ou especializados no âmbito do trabalho com dificuldades de aprendizagem, na investigação das possíveis relações existentes entre níveis de consciência fonológica (habilidades metafonológicas) e desempenho na aprendizagem da linguagem escrita (BIMONTI, 2008; DINIZ, 2008; CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2004); MALUF; ZANELLA; PAGNEZ, 2006; NUNES; FROTA; MOUSINHO, 2009).

Muitos pesquisadores têm corroborado a ideia de que a aprendizagem da leitura e da escrita, em sistemas alfabéticos, relaciona-se com diferentes habilidades metafonológicas. Assim, a literatura especializada tem fornecido evidências de que treino em consciência fonológica é efetiva estratégia de intervenção preventiva e de recuperação (BARRERA; MALUF, 2003; CAPOVILLA; CAPOVILLA; SUITER, 2004; CARDOSO-MARTINS, 2004; CAVALHEIRO; SANTOS; MARTINEZ, 2010; DINIZ, 2008; GOMBERT, 2003; SANTOS; MALUF, 2004).

As pesquisas na área têm concebido a consciência fonológica como a habilidade para analisar a fala em unidades silábicas, unidades fonêmicas ou outras unidades segmentares. Assim, pode-se interpretar que, quando uma criança toma consciência, analisa e manipula segmentos ou pedaços da fala, o que inclui a distinção do tamanho das palavras e/ou de suas diferenças e semelhanças sonoras, além de ter percebido que a linguagem oral se constitui de palavras, sílabas e fonemas, esta criança desenvolveu ou está desenvolvendo e utilizando a sua consciência fonológica ou habilidade metafonológica. Dito de outro modo, a consciência fonológica é a capacidade de reconhecer que a fala pode ser segmentada e que estes segmentos podem ser conscientemente manipuláveis (BARRERA, MALUF, 2003; DINIZ, 2008; GOMBERT, 2003; MALUF, BARRERA, 1997).

Como já referido, apesar do crescente interesse de profissionais de diferentes formações e áreas de atuação: 1) quer na pesquisa, promovendo estudos acadêmicos de correlação e de replicação de desempenhos entre consciência fonológica e linguagem escrita e; 2) quer na proposição de intervenções de remediação baseadas em habilidades de consciência fonológica, resultando em inovadoras práticas em clínicas de atendimento psicológico, fonoaudiológico e psicopedagógico, emerge uma questão singular: a da atuação docente. Uma comunalidade entre muitos autores tem sido o reconhecimento de que há necessidade de maior e mais profunda apropriação das contribuições do campo de estudos das habilidades metafonológicas por parte dos educadores, em especial, aqueles que trabalham na área da alfabetização (CAVALHEIRO; SANTOS; MARTINEZ, 2010; DINIZ, 2008; MALUF, 2003; GORDINIER; FOSTER, 2004; JUSTICE; PULLEN, 2003).

Ao considerar as evidências de pesquisas sobre o valor do treinamento em consciência fonológica para o sucesso na alfabetização, destaca-se mais evidentemente que estratégias envolvendo habilidades metafonológicas constituem-se de alta relevância para o arcabouço teórico-metodológico da formação de professores. Todavia, o insucesso na alfabetização no âmbito escolar ou a falta de acesso a um programa de alfabetização escolar eficaz e/ou a necessidade de apoio especializado para o atendimento de crianças com diagnóstico de alterações neurológicas e/ou outras deficiências levaram a um maior fomento da aplicação de procedimentos terapêuticos fora da escola. Isto é, proces-

sos de alfabetização escolar deficientes ampliaram as possibilidades de atendimentos em clínicas especializadas, contribuindo para tornarem os referidos procedimentos de intervenção, baseadas em habilidades de consciência fonológica, forte alvo de atenção de profissionais de distintas formações.

A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E O COMPROMISSO DO EDUCADOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Deve-se ter presente que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (9394/96), a escola de Ensino Fundamental terá por objetivo a formação básica do cidadão, entre outros, mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender através do pleno domínio da leitura e da escrita. Portanto, estudos que ofereçam subsídios na área da alfabetização e que possam ser utilizados na prática docente para facilitar a aquisição de habilidades de linguagem escrita devem ser validados, aprofundados e ampliados.

Recomenda-se às escolas de Ensino Fundamental e de Educação Infantil refletirem sobre as práticas que possam favorecer o letramento e a aprendizagem significativa em leitura e escrita, incluindo mais sistematicamente, em seu cotidiano, atividades que possibilitem às crianças refletirem sobre os aspectos fonológicos da linguagem. Por exemplo, em contextos lúdicos e essencialmente orais as crianças e jovens que ainda não adquiriram as tecnologias da leitura e da escrita podem ser estimuladas a conhecerem/aprenderem/recitarem e atualizarem repertórios selecionados de parlendas, trava-línguas, poemas, músicas e etc., sendo simultaneamente estimuladas a refletirem sobre semelhanças sonoras iniciais e finais de palavras diferentes (detecção e produção de aliterações e rimas); subtraírem, adicionarem ou transporem fonemas de palavras formando novas palavras ou pseudo-palavras e segmentarem palavras em fonemas ou sílabas. A literatura especializada mostra que, atualmente, as recomendações envolvendo a utilização de atividades baseadas em habilidades metafonológicas também têm perpassado o âmbito do trabalho na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Isto é, também têm sido utilizadas para a facilitação do processo de alfabetização de adultos.

Entretanto, em meio ao crescente número de pesquisas produzidas na área, ainda são pouco numerosos os trabalhos que analisam efeitos de intervenção, sobretudo com crianças falantes do português brasileiro. Informação que faz transparecer a hipótese de grupos reduzidos de estudantes que participam de propostas de intervenção na escola, seja na perspectiva do letramento - em âmbito preventivo na Educação Infantil, seja em âmbitos de prevenção ou de remediação no Ensino Fundamental e/ou na EJA.

De fato, o forte incentivo aos educadores por uma apropriação das contribuições do trabalho envolvendo a consciência fonológica valida a ideia de que tais contribuições ainda mostram-se novas no que concerne à formação de profissionais da educação. Em resultado, denota também a incipiência da efetivação de novas perspectivas de atuação pedagógica (DINIZ, 2008, MALUF, 2003; NUNES; FROTA; MOUSINHO, 2009).

A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E A ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO EM SITUAÇÃO REAL DE SALA DE AULA

Porém, é na perspectiva de uma atuação pedagógica renovada, que damos ênfase ao trabalho desenvolvido, em especial na escola pública, âmbito no qual relevante percentual de crianças, jovens e adultos enfrenta problemas relacionados aos usos da língua para ler e para escrever. Em estudo desenvolvido por Diniz (2008), um procedimento inovador e de abrangência coletiva, conforme recomendado por esta autora, é a aplicação de procedimentos de intervenção, *em situação real de sala de aula*. Tal estratégia tem sido útil tanto para a prevenção do enfrentamento de dificuldades, como para a recuperação de estudantes que enfrentam dificuldades na aprendizagem da linguagem escrita, redimensionando progressivamente o trabalho pedagógico, inclusive, o percentual de alunos beneficiados.

A adoção de tal perspectiva requer que sejam intensificados iniciativas e movimentos de formação enquanto política educacional em diferentes instituições formativas, em especial, no interior da escola; este último empreendimento exige planejamento sistemático e um novo olhar, tanto dos professores quanto da gestão escolar sobre a produção curricular e o trabalho docente.

Em consonância com tal perspectiva, deve-se ter presente que, entendendo que os esforços para erradicar o analfabetismo dos adultos só serão bem sucedidos a longo prazo, se a alfabetização das crianças se tornar prioridade nacional de educação; entendendo que os estudos sobre alfabetização saíram do campo do amadorismo e da intuição ou mesmo da especulação teórica, a *Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados criou* na década de 2000 um grupo de trabalho constituído por eminentes especialistas nacionais e convidados estrangeiros. Dentre eles, Cláudia Cardoso-Martins, professora de psicologia do Departamento de Psicologia da UFMG. Autora de dezenas de trabalhos científicos publicados nos principais periódicos científicos internacionais sobre a aquisição de competências de leitura; Fernando Capovilla, professor de neuropsicologia do IP/USP. Autor de centenas de artigos e de mais de 20 livros relacionados à área da alfabetização; Jean-Emile Gombert, professor de Psicologia do Desenvolvimento Cognitivo da Universidade de Rennes na França e autor de capítulos de livros publicados no Brasil, em parceria com autores brasileiros como Maria Regina Maluf. A finalidade desta comissão foi a de apresentar ao Brasil, através da elaboração de um relatório, uma visão atualizada sobre as teorias e práticas de alfabetização, como base para uma análise da situação brasileira (BRASIL, 2007).

Esse documento, intitulado “Relatório de Alfabetização Infantil”, foi apresentado no Seminário: “O Poder Legislativo e a Alfabetização Infantil: Os novos caminhos”, tendo a sua *versão final* datada de 15 de setembro de 2003. As expectativas com a publicação do Relatório, conforme mencionadas no corpo deste documento, giraram em torno de trazer repercussões políticas da mais alta relevância, convidando os responsáveis pela educação nos vários níveis da federação, como o ministério público, a comunidade acadêmica, os organismos internacionais sediados no Brasil, PNUD, UNICEF, UNESCO, Banco Mundial, entre outros, a debaterem as ideias contidas no referido relatório e darem sequência às propostas nele apresentadas (BRASIL, 2007).

Em essência, o referido relatório trata de duas questões: O problema da alfabetização das crianças e a dificuldade do país em usar conhecimento científico e dados de avaliação para melhorar a qualidade da educação, sem ignorar que, se as condições não forem adequadas (currículo, formação de professores, provisão de materiais didáticos,

avaliação, gestão escolar), políticas de alfabetização terão efeitos limitados (BRASIL, 2007).

No presente artigo, considera-se que o trabalho pedagógico com as habilidades linguísticas inicie-se na Educação Infantil. Assim, a expectativa seria a de que, com a inserção da criança em processos sistemáticos de aprendizagem da leitura e da escrita, nos anos iniciais do Ensino fundamental, o processo de alfabetização fosse competentemente sendo consolidado. Ao final desta etapa de escolarização, isto é, ao final dos anos iniciais do Ensino Fundamental, o aluno deveria ser um leitor e escritor competente. Atualmente, podem ser encontrados diversos estudos sobre as habilidades da fala, leitura e escrita. O documento sobre alfabetização, solicitado pela Câmara dos Deputados Federais (BRASIL, 2007), destaca o estatuto científico constituído no campo de estudos sobre leitura, a partir da Psicologia Cognitiva. Tais pesquisas têm provocado revisões nas políticas e práticas de alfabetização no Brasil e no mundo, assim como tem orientado os currículos de formação e cursos de capacitação de professores alfabetizadores.

O documento (BRASIL, 2007:14) defende a proposição de programas de ensino que tenham clareza e adequabilidade; “professores com formação científica atualizada, adequada e comprovada; remuneração atrativa; insumos básicos nas escolas; autonomia na gestão escolar e avaliação externa”. Os programas de alfabetização devem ter objetivos, estrutura e sequência definidos.

Diferentemente da fala, ler não é um processo natural e precisa de instrução explícita. O ato de ler envolve a decodificação, interpretação e armazenamento da informação. A decodificação envolve a tomada de consciência da relação som (fonema) e letra (grafema). Contudo, essa relação não é biunívoca e precisa de orientação sistemática para ser aprendida.

Na década de 1960, os paradigmas neo-behavioristas (estímulo/resposta) foram sendo substituídos pelas teorias cognitivistas, fundamentadas nas pesquisas das áreas da Linguística e da Neurociências, deixando entrever os complexos processos cognitivos subjacentes ao ato de ler e escrever.

Métodos sintéticos (com foco do trabalho pedagógico, voltados para as unidades linguísticas (palavra, letra, fonema), e métodos analíticos (com ênfase na percepção do todo e uso de pistas do contexto na compreensão da leitura), foram polarizados e afirmados. O documento da

Alfabetização Infantil (BRASIL, 2007) argumenta sobre a importância de se contemplar essas duas perspectivas no ato da leitura e da aprendizagem da lecto-escrita, argumentando a favor de modelos interativos.

Diferentes estratégias de leitura são usadas pelo leitor proficiente, bem como por aquele que apresenta dificuldades. Os estudos mostram a importância da tomada de consciência fonológica para esses dois grupos de sujeitos. Quando os indivíduos conhecem o princípio alfabético da escrita, os procedimentos de codificação e decodificação da palavra, seu processo de compreensão do texto é mais preciso e rápido. De acordo com o Relatório Final de Alfabetização Infantil:

Os modelos interativos (...) resgatam a importância da fonologia no reconhecimento das palavras, (...) o valor de informações de natureza ortográfica, semântica, sintática e pragmática. O processamento das palavras escritas envolve a ativação simultânea de todos esses tipos de informações (...). Contudo o papel desempenhado por cada uma dessas informações no processo de reconhecimento da palavra varia em função de fatores como a habilidade de leitura, a familiaridade das palavras e a natureza da tarefa (BRASIL, 2007:35-36).

O processo de alfabetização precisa ter planejamento intencionalmente orientado, englobando aspectos semânticos, sintáticos e fonológicos. Dois tipos de estratégias de ensino se destacam: a instrução explícita das correspondências grafema/fonema (quando são abordadas conscientemente as relações e correspondências ortográficas e morfológicas) ou instrução implícita (quando não abordamos diretamente o assunto, mas expomos os alunos a diversas interações com o estímulo verbal, esperando que ele faça as inferências das normas linguísticas a partir de seu uso). As pesquisas estão demonstrando que o ensino incidental não é suficiente para garantir a aprendizagem para todos os alunos, sendo necessário o ensino sistemático da decodificação da escrita. O planejamento do ensino precisa contemplar as condições do ambiente onde ele irá ocorrer, tanto em termos da organização espacial, como dos móveis e materiais pedagógicos à disposição. A aprendizagem depende da interação com estímulos específicos que despertem o sujeito cognoscente. As escolas precisam ser ambientes de estimulação da leitura.

Como já referido, muitos estudos podem ser encontrados demonstrando a importância das habilidades de consciência fonológica sobre o processo de aquisição da leitura e escrita (BERNARDINO JÚNIOR *et al.*, 2006; GINDRI, KESKE-SOARES, MOTA, 2007; GUIMARÃES, 2003; MALUF, BARRERA, 1997; PESTUN, 2005), a evolução da consciência fonológica (CÁRNIO, SANTOS, 2005), sua influência no processo de alfabetização (BARRERA, MALUF, 2003; PAULA, MOTA, KESKE-SOARES, 2005), em crianças com baixo nível sócio-econômico (CAPOVILLA, CAPOVILLA, 2000), seus efeitos na aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais (CARDOSO-MARTINS, FRITH, 1999; HEIN *et al.*, 2010; SOUZA, BANDINI, 2007), além das relações entre consciência sintática, fonológica e a aquisição de regras ortográficas (REGO, BUARQUE, 1997).

Segundo Capovilla e Capovilla (1998) existem diferentes habilidades fonológicas a serem trabalhadas com os alunos, por exemplo o treino supra-fonêmico, que envolve atividades de: rima e aliteração, consciência de palavras e de sílabas; e o treino fonêmico que inclui atividades de identidade fonêmica, consciência fonêmica, análise de fonemas, síntese de fonemas, trocas de fonemas, contagem de fonemas, adição e subtração de fonemas, contagem e manipulação de fonemas.

Conforme o documento sobre Alfabetização Infantil (BRASIL, 2007:48): “As crianças que não tiveram estímulos adequados e condições para brincar com a escrita e tentar escrever manifestam posteriormente dificuldades para aprender a escrever”. Neste sentido, recomenda-se considerar as observações de Gombert (2003). O autor identifica três fases no desenvolvimento da escrita, envolvendo diferentes formas de representação: grafo-motora (desenho e escrita se confundem), grafo-semântica (hipótese de que a escrita relaciona as palavras com as coisas), e grafo-fonológica (hipótese de que a escrita relaciona as palavras com os sons da linguagem).

Depois de ter descoberto a norma, ou seja, o princípio alfabético, a criança se surpreende com suas irregularidades e exceções. Surpreende-se e se confunde ao perceber que a regra recém descoberta é bastante arbitrária.

Faz-se necessário experiência, vivência de trocas verbais, uso da língua para que se perceba as regularidades e irregularidades do código escrito, além das várias regras de posição e de contexto relativas às correspondências grafema/fonema.

GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA, FORMAÇÃO DOS EDUCADORES, PERSPECTIVA DE LETRAMENTO DOS EDUCANDOS: considerações finais

É na perspectiva de uma gestão escolar preocupada em, por um lado, contribuir preventivamente, com a facilitação de aprendizagens futuras, fornecendo às crianças pequenas meios para desenvolverem-se, aprenderem, progredirem no trabalho e em estudos posteriores e, por outro lado, contribuir para a recuperação de estudantes no que diz respeito à aprendizagem da linguagem escrita, dentre a valorização da multiplicidade de experiências e linguagens a serem estimuladas, que as políticas educativas, no interior de escolas, devem compor uma proposição democrática, participativa, geradora de novas aprendizagens, emancipadoras, transformadoras.

No âmbito da discussão sobre gestão/administração Motta (2003) enfoca o constructo *participação* e afirma que para participar é necessário possuir algum tipo de conhecimento e certas habilidades políticas, não sendo necessário esperar a consolidação do conhecimento profundo para se implementar a participação. Generalizando sua afirmação no que concerne à criação de possibilidades de formação no interior de escolas, no que diz respeito às contribuições da consciência fonológica para o trabalho docente no campo da linguagem escrita, propõe-se que a gestão escolar esteja envolvida/comprometida com a formação de grupos de estudos da literatura especializada e das vivências reais do cotidiano escolar em relação à leitura e à escrita; a elaboração de oficinas de treino de aplicação de atividades de avaliação e de intervenção, baseadas em habilidades metafonológicas, com sessões de debates, análises e de apoio mútuos entre os educadores e a busca contínua de assessoria especializada em eventos de formação externa, configurando a luta pela promoção da pessoa humana.

Caberá à escola fazer uso desses conhecimentos a fim de ensinar às crianças de modo mais efetivo, através de práticas de ensino que facilitem o sucesso nos processos de alfabetização e de letramento.

Eis, então, um convite à abertura de Espaços para Diálogos e Reflexões Efetivos a respeito das possibilidades de trabalho com as crianças, sujeitos e produtores de aprendizagens emancipadoras.

Recebido em: setembro de 2011

Aceito em: outubro de 2011

REFERÊNCIAS

- BARRERA, S. D.; MALUF, M. R. **Consciência Metalinguística e Alfabetização: Um Estudo com Crianças da Primeira Série do Ensino Fundamental**. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 491-502, 2003.
- BERNARDINO JÚNIOR, J. A.; FREITAS, F.; SOUZA, D.; MARANHE, E.; BANDINI, H. Aquisição de leitura e escrita como resultado do ensino de habilidades de consciência fonológica. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Dez 2006, vol.12, nº3, p.423-450.
- BIMONTI, R. de P. **A Importância da Consciência Fonológica na Educação Infantil**. 2008. 43 f. volume 01. (TCC- Curso de Especialização Lato Sensu em Distúrbio de Aprendizagem do Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem – CRDA; área de concentração: Pedagogia), 2008.
- BISPO, N. L. **Imagem mental, Memória e Dificuldades de Aprendizagem na Escrita**. 2000. 156 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- BRASIL. Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados. Relatório final do grupo de trabalho Alfabetização Infantil: os novos caminhos. **In: SEMINÁRIO O PODER LEGISLATIVO E A ALFABETIZAÇÃO INFANTIL: OS NOVOS CAMINHOS**. Brasília, set, 2003. Relatório. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/comissoes/cec/relatorios/Relat_Final.pdf> Acesso em 16 de maio. 2010.
- BRASIL, Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão de Educação e Cultura. Grupo de trabalho alfabetização infantil : os novos caminhos : relatório final. -- 2. ed. -- Brasília : **Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações**, 2007. p. 180 -- (Série ação parlamentar; n. 246). Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/comissoes/cec/relatorios/Relat_Final.pdf> Acesso em 13 de novembro. 2010.

- CAPOVILLA, A.; CAPOVILLA, F. Consciência fonológica: procedimentos de treino. **Ciência Cognitiva: Teoria, Pesquisa e Aplicação**, São Paulo, v.2, nº3, p.341-388, 1998.
- CAPOVILLA, A.; CAPOVILLA, F. **Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível sócio-econômico. Psicologia Reflexão e Crítica**, 2000, vol.13, nº1, p.07-24.
- CAPOVILLA, A.G.S.; CAPOVILLA, F.C. **Problemas de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica**. São Paulo: Memnon; 2004.
- CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C.; SUITER, I. **Processamento cognitivo em crianças com e sem dificuldades de leitura**. *Psicol. estud.*, v.9, n.3, p.449-458, set/dez. 2004.
- CARDOSO-MARTINS, C.; FRITH, U. Consciência fonológica e habilidade de leitura na síndrome de down. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 1999, vol.12, nº1, p.209-224.
- CARDOSO-MARTINS, C. **A consciência fonológica e a aprendizagem inicial da leitura e da escrita**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 76, p. 41-49, fev. 1991. Disponível em <http://www.index_psi_br>. Acesso em 03 ago. 2004.
- CÁRNIO, M. S.; SANTOS, D. Evolução da consciência fonológica em alunos de ensino fundamental. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Ago 2005, vol.17, nº2, p.195-200.
- CAVALHEIRO, L. G.; SANTOS, M. S. S.; MARTINEZ, P. C. **Influência da Consciência Fonológica na Aquisição da Leitura**. Rev. CEFAC, São Paulo, 2010 . Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?acessos> em 01 jul. 2010. Epub 25-Jun-2010.
- DINIZ, N. L.B. **Metalinguagem e Alfabetização: Efeitos de uma intervenção para recuperação de alunos com dificuldades na aprendizagem na linguagem escrita**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- FRANCO, C. **Ciclos e letramento na fase inicial do ensino fundamental**. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 25, p. 30-38, jan/abr. 2004.
- GINDRI, G.; KESKE-SOARES, M.; MOTA, H. Memória de trabalho, consciência fonológica e hipótese de escrita. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Set 2007, vol.19, nº3, p.313-322.
- GOMBERT, J. E. Atividades Metalinguísticas e Aprendizagem da Leitura. In: MALUF, M. R. (Org.). **Metalinguagem e aquisição da escrita – contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 19-63.
- GUIMARÃES, S. Dificuldades no desenvolvimento da lectoescrita: o papel das habilidades metalinguísticas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Abr 2003, vol.19, nº1, p.33-45.
- GORDINIER, C. L.; FOSTER, K. What Stick is Driving the Reading First Hoop? **Childhood Education**, Olney, MD, v. 81, n. 2, p.94-0, Win, 2004. Disponível em <<http://www.eric.ed.gov/ERICWebPortal> >. Acesso em abr. 2006.
- HEIN, J.; TEIXEIRA, M. C.; SEABRA, A.; de MACEDO, E. Avaliação da eficácia do

- software* “Alfabetização Fônica” para alunos com deficiência mental. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Abr 2010, vol.16, nº1, p.65-82. INEP/MEC. **IDEB: Índice de Desenvolvimento da Escola Básica**. Disponível em <http://portaldeb.inep.gov.br/>, 2009.
- JUSTICE, L. M., PULLEN, P.C. Promising Interventions for Promoting Emergent Literacy Skills: Three Evidence-Based Approches. **Topics in Early Childhood Special Education**, v. 23, n. 3, p. 99-113, Fall. 2003.
- MAINARDES, J. A promoção automática em questão: argumentos, implicações e possibilidades. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 79. n. 192, maio-agosto, 1998.
- MALUF, M. R. (Org.). **Metalinguagem e aquisição da escrita – contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 218 p.
- MALUF, M. R. **Psicologia Educacional – Questões Contemporâneas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 222 p.
- MALUF, M. R.; BARRERA, S. D. **Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, POA, v.10, n. 1, p.125-145,1997.
- MALUF, M. R.; ZANELLA, M. S.; PAGNEZ, K S. **Habilidades Metalinguísticas e Linguagem Escrita nas Pesquisas Brasileiras de 1987 à 2003**. *Boletim de Psicologia*, v. LVI, n. 124, p. 67-92, 2006.
- MOTTA, F. C. P. **Administração e Participação: Reflexões para a Educação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.2, p. 369-373, jul./dez. 2003.
- NUNES, C; FROTA, SILVANA; MOUSINHO, R. **Consciência Fonológica e o Processo de Aprendizagem de Leitura e Escrita: Implicações Teóricas para o Embasamento da Prática Fonoaudiológica**. *Rev. CEFAC*. Abr-Jun; 11(2): p. 207-212, 2009.
- PACHECO, L. M. B. Subprojeto PIBID-Pedagogia/UEFS, **Diálogo entre a Universidade e Escolas Básicas: Regular e indígena**. EDITAL Nº 02/2009 – MEC/CAPES/DEB, 2010.
- PAULA, G.; MOTA, H.; KESKE-SOARES, M. A terapia em consciência fonológica no processo de alfabetização. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Ago 2005, vol.17, nº2, p.175-184.
- PESTUN, M. Consciência fonológica no início da escolarização e o desempenho ulterior em leitura e escrita: estudo correlacional. **Estudos de Psicologia**. (Natal), Dez 2005, vol.10, nº3, p.407-412.
- REGO, L. L. B. BUARQUE, L. L. **Consciência sintática, consciência fonológica e aquisição de regras ortográficas**. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 1997, vol.10, nº2, p.199-217.
- SANTOS, M. J.; MALUF, M. R. **Consciência fonológica e linguagem escrita: efeitos de um programa de intervenção**. In: MALUF, M. R. (Org.). *Psicologia Educacional – Questões contemporâneas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 91-103.

SEF/MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília, 1998.

SOUZA, E.; BANDINI, H. Programa de treinamento de consciência fonológica para crianças surdas bilíngues. **Paideia** (Ribeirão Preto), Abr 2007, vol.17, nº36, p.123-135. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. **Orientações para a Organização do Ciclo Inicial de Alfabetização/ Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Caderno 1**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2003/2004. 26 p. (Coleção: Orientações para a Organização do Ciclo Inicial de Alfabetização; 1).